

Confessando Emoções: Mulheres, Gênero E Violência Sexual Na Rede ¹

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de OLIVEIRA²
Paloma Paula Pereira GONDIM³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

A internet e seus inúmeros canais de interação social online, entre os quais destacamos aqui os blogs, possibilitam cada vez mais que os sujeitos possam estar conectados por tempo e espaço indeterminados, além de poderem produzir suas subjetividades e compartilhar suas experiências e emoções mais íntimas. Desse modo, acreditamos que os blogs de escrita íntima passam a reformular a antiga prática das escritas de si e da “confissão”, no entanto essas “confissões” deixam de ser algo do âmbito privado, como na época dos diários íntimos, para se tornarem agora visíveis e acessadas. Assim sendo, a proposta do presente artigo é analisar como as mulheres vítimas de violência sexual usam o ciberespaço, no caso específico o blog *Fui estuprada*, para compartilhar suas experiências e expor suas emoções acerca do assunto traumático e de caráter altamente íntimo. Para tanto, faremos uma breve análise sobre o conteúdo do blog tendo como base uma revisão bibliográfica acerca do conceito de gênero, da questão das confissões e do diário íntimo na era virtual.

Palavras-chave: Escrita íntima; *blog*; emoções; gênero.

1. Introdução

Nossa proposta é analisar como as mulheres vítimas de violência sexual expõem suas histórias carregadas de trauma e emoções no ciberespaço, por meio de narrativas do eu, ou como alguns preferem, utilizando a escrita íntima, o que constatamos ao visualizar os depoimentos compartilhados no blog *Fui estuprada*, no qual mulheres vítimas de abuso relatam suas experiências e traumas mais íntimos para todos que estão conectados a rede. Diante da realidade de uma sociedade brasileira ainda bastante marcada pela cultura patriarcal remanescente do Brasil colônia – que ofereceu subsídios para que a dominação masculina pudesse estimular aspectos de violência sexual, tentamos perceber como e em qual medida os relatos dessas mulheres estão influenciados pelas concepções patriarcais, assim como pela visão binária de gênero que vigora até então. Aos critérios de investigação,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 Estudos Interdisciplinares, GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN. Membro do grupo de pesquisa Informação, Cultura e Sociedade do PPGCISH/UERN. email: pamella_rochelle@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN. email: paloma_gondim@yahoo.com.br

levou-se em consideração a exposição das emoções que essas mulheres demonstraram após o ato de violência e como conseguem se reerguer com ajuda da escrita íntima, o que Foucault (1988) poderia denominar como uma das técnicas do cuidado de si. O que nos leva a nos detemos numa reflexão acerca da escrita íntima, bem como dos blogs de caráter confessional. Também procuramos atentar para como a experiência de violência sexual deixa sequelas na vida e na saúde mental dessas mulheres que sofrem o abuso, no entanto, infelizmente não só afeta as vítimas, mas todo o tecido social em volta delas. O extremo sofrimento imposto às mulheres tende a se transformar em ansiedade, depressão e todo quadro clínico onde é preciso intervenção médica. A cultura que estimula e favorece o estupro é um aspecto de suma importância, que deve ser levado em consideração, bem como, os sentimentos relatados no blog pelas vítimas anônimas, os quais demonstram como a violência causa impacto na vida pessoal e nas suas relações sociais.

2. Submissas e violentadas: Construções de Gênero no Brasil

Até onde se sabe a violência masculina contra as mulheres, em excepcionais exceções, é universal – atravessa cultura e eras. E é dirigida a mulher desde os tempos arcaicos por questões básicas: “Antes de tudo, as mulheres ficam mais vulneráveis pela própria organização cultural que interdita a agressividade feminina.” (TREVISAN, 1998, p. 30). Pode-se pensar que a violência seja uma punição por as mulheres serem diferentes, não terem pênis e por isso são naturalmente “castradas” – e no universo falocrático é sinônimo de inferioridade.

Bourdieu (2009) afirma que independente do gênero, homem ou mulher, incorporamos inconscientemente as normas de percepção para pensar a dominação masculina dentro dos moldes que são exatamente produtos dessa dominação. Esse esquema de pensamento é de aplicação universal, as diferenças naturais objetivas das variações dos traços distintivos, reforçam a existência ao mesmo tempo em que naturalizam. Resumindo, eles naturalizam diferenças que são objetivas. O corpo é a primeira coisa que divide a sexualidade e essa diferenciação vai ser aplicada pra tudo. O próprio corpo dentro da sua realidade biológica diverge anatomicamente – e sofre arbitrariamente a dominação dos homens sobre as mulheres, na divisão social.

De acordo com Bourdieu (2009) essa diferença biológica dos órgãos sexuais pode ser encarada como uma justificativa natural para a construção social dos gêneros. Esse

princípio com base na diferença anatômica é aparentemente onde se alicerça as relações sociais. A questão de gênero no Brasil repousa numa categoria de conceitos muito ampla, baseada em domínios distintos da realidade cultural. As noções de macho e fêmea modelam a experiência sexual na vida do brasileiro contemporâneo. Nas palavras de Parker (1991), as configurações simbólicas que envolvem a mulher brasileira na atualidade são na verdade uma complexa herança de ordem patriarcal erigida com base na escravatura, cedida pelo período colonial. O passado patriarcal tornou-se essencial para a auto interpretação brasileira. A autoridade do patriarcado está ligada ao modelo de família instaurada no Brasil. Não apenas como uma forma de organização social:

[...] com a construção ideológica, um sistema de representações que continua a influenciar as maneiras pelas quais os brasileiros contemporâneos compreendem a ordem própria das coisas no seu universo, estruturam suas interações sociais e interpretam o sentido de suas relações sociais (PARKER, 1991, p. 56).

A natureza do poder quase ilimitado do pai numa unidade funcional, resposta às contingências da situação colonial: as dificuldades de instaurar a ordem num país continental como o Brasil, que não tinha um aparato coercivo real. Sem contar a grande massa de trabalhadores escravos que sustentavam o país economicamente. A família patriarcal foi rapidamente assimilada como unidade social dominante essencial para os processos de inter-relações na sociedade e de cunho individual. Tal estrutura hierárquica foi baseada, sobretudo no exercício da força pela figura do pai, ele tinha o direito de apelar para a violência. A hierarquia foi cristalizada na violência, a autoridade do homem devia-se em grande parte pelo seu distanciamento estabelecido pelo exercício da violência, ramificando-se através de seus continuadores - entre o senhor e seus escravos, o pai e seus filhos, o macho e suas fêmeas.

O simbolismo de violência é crucial para compreender as relações entre homens e mulheres no Brasil patriarcal. Talvez, afirma Parker (1991), que em nenhum outro lugar tenha havido uma articulação da imagem de homens e mulheres tão poderosa em decorrência de tal estrutura familiar. A relação entre os sexos sob o domínio patriarcal era baseada na diferenciação extrema; era característica desse regime o homem fazer da mulher um bicho estranho. Os conceitos de masculinidade e feminilidade foram definidos em oposição fundamental como antítese. Todo o poder era investido nas mãos de homens, por ter características superiores como força, virilidade, atividade e propensão à violência e o

uso legítimo da força. A mulher o contraste dele, em sua evidente inferioridade – sujeita a dominação masculina. Esta ordem hierárquica é fruto de uma organização agrária que dominou muito tempo no Brasil. Essa diferenciação exagerada justifica o duplo padrão de moralidade: o homem o único que goza a liberdade e a mulher apenas a submissão.

Tudo é proposto dentro de uma subjetivação que violenta a mulher. A estrutura de diferenciação sexual fica muito evidente quando a maioria dos termos para designar os órgãos são neutros, quando se é para falar deles na vida diária no país. Os termos usados com frequência no cotidiano, articulam uma distinção entre os corpos masculinos e femininos que pode ser tudo menos neutra. Parker (1991) observa que os usos explícitos de termos da linguagem repetem a força e a superioridade do genital masculino e inferioriza o feminino. Entre os termos citados frequentemente: pau, cacete, cobra, arma, e afins que estão longe de acabar as conotações similares, evidenciam uma característica fálica, óbvio, entretanto elas têm uma coisa em comum além disso muito mais importante - evidenciam enfaticamente a potencialidade ativa do falo, ou seja, sua qualidade agressiva, não apenas do órgão sexual, mas metaforicamente como instrumento para ser empunhado como uma arma, particularmente ligado tanto a violência como violação. Num quadro muito mais complicado e diferente acontece com os termos usados para o corpo feminino e as representações que ele codifica. Enquanto o falo toma forma de força e de arma, um potencial instrumento de violência, o corpo da mulher surge num processo muito parecido só que evidenciando ser o alvo dessa violência, e contraditoriamente, um lugar de perigo. E os termos usados para vagina se configuram no sentido de inferioridade e imperfeição.

A dada importância a essa distinção entre atividade e passividade é bastante clara nos termos da linguagem usada para descrever o sexo: foder, comer, dar, entregar. De acordo com Parker (1991), por exemplo, comer significa metaforicamente a penetração, implica controle, dominação. Em outras variantes, comer pode ser usado como sinônimo de possuir e/ou vencer. Comer sugere um ato de dominação e controle, enquanto dar tem uma conotação de entrega e subjugação e submissão. Os valores culturais no Brasil sempre estiveram ligados para a inferiorização e objetificação da mulher como propriedade masculina, ou propriedade que deve ser tomada pelo homem ou simplesmente violada. Os termos para designar o ato sexual ou a sexualidade, são termos sinônimas que se desenvolvem as relações de poder, que se organizam em torno dos polos de atividade e passividade definidos culturalmente – onde pode-se traduzir noções muito contrastante de masculinidade e feminilidade.

3. A Escrita íntima na era digital

O instinto autobiográfico pode ser considerado quase tão antigo quanto à própria escrita, no entanto, o mesmo só começa a se fortalecer enquanto gênero a partir do estabelecimento da sociedade burguesa e da difusão da noção de indivíduo, ou seja, quando no ocidente o homem adquire a convicção histórica de sua existência passando a refletir sobre sua identidade e seu lugar no mundo, como explica Schittine (2004), “[...] o século XIX assistiu a culminância do processo de formação do caráter individual que começa, propriamente na época do iluminismo com a ascensão da classe burguesa, e continua no século seguinte, com o desenvolvimento de um individualismo que beira o narcisismo”, narcisismo esse, que segundo a autora, é um dos grandes responsáveis pela crescente valorização da escrita íntima, o que se acentua na contemporaneidade, onde a rede surge com inúmeras possibilidades que o papel não era capaz de alcançar.

Pode-se afirmar que é após a conquista da privacidade que a literatura íntima passa a registrar o “eu” como presença singular no mundo e ganha espaço no âmbito social. Apesar de o início da escrita confessional estar vinculado ao século XVIII e sua afirmação ter sido possível apenas no século seguinte, seu apogeu dá-se somente no início do século XX. Neste período se tem a proliferação da literatura íntima, sobretudo, dos diários íntimos, digerida por uma grande massa de leitores com apetite de *vouyeur*, interessados no secreto por possuírem a sensação de poder entrar na intimidade alheia e conhecer os segredos mais obscuros do autor, além de muitas vezes desejarem encontrar a si mesmos por meio da apreensão da vida daquele que lhe é outro, ou mesmo encontrar neste estranho algo em comum, que os faça criar um laço, ainda que seja na esfera virtual e simbólica.

Um grande exemplo da literatura íntima e que apesar de ser antigo, continua a fazer bastante sucesso, consagrando-se como um ícone desse gênero, é o Diário de Anne Frank (1958), escrito íntimo mais famoso e vendido no ocidente, estando com mais de 25 milhões de exemplares. O livro/diário trata-se de um relato em primeira pessoa de uma adolescente judia que se escondeu com sua família dos nazistas na época da segunda guerra mundial, numa espécie de sótão, no qual ficou refugiada por cerca de vinte e cinco meses. Além das circunstâncias históricas no qual foi produzido, o diário também chama a atenção pela curiosidade de saber como era o cotidiano, as aflições e sentimentos de uma adolescente judia durante os sombrios anos de guerra, nos quais ela e sua família poderiam ser mortos a qualquer momento, o que de fato acaba por acontecer. Dessa forma, além de contextualizar

como era a vida de um judeu durante a segunda guerra mundial, o livro também nos leva a perceber como se deu o processo de subjetivação da jovem garota, e como esta encontrou respostas sobre seu lugar no mundo e o sentido da vida.

Desde então a escrita de si passou a crescer cada vez mais, tornando-se uma prática habitual na sociedade, o suporte onde elas são produzidas é que foi se modificando no decorrer do tempo, passando para o cinema, a TV e por fim entrando nos lares de maneira cada vez mais acentuada por meio da internet. Dessa forma a antiga prática da “confissão”, traçada por Foucault (1988) em sua obra *A vontade de saber*, ganha um novo suporte, onde se desenvolve de maneira mais intensa, deixando de ser algo apenas particular para se tornar visível, e diante dessa nova configuração diversas questões e discussões surgem, desde o debate sobre a própria noção de “íntimo”, passando pela questão do segredo, até o hibridismo e antagonismo das relações público/privado. Sobre essas questões Schittine vai colocar que,

O diário “à moda antiga”, por escrito, se caracteriza pelo segredo da “gaveta” e pela liberdade de estar sozinho em frente à folha em branco. Ao considerar o diário virtual, a primeira pergunta que se faz é: o que aconteceu com o segredo? É preciso, primeiramente, reconhecer que o blog surge como uma nova forma de escrita em que a qualificação “íntimo” (ou “secreto”) não se aplica mais em seu sentido original. Esse paradoxo do íntimo aparece porque, em muitos casos, o caráter do que é escrito continua sendo o da revelação da intimidade, mas existe também a participação do público. Na rede, vários leitores podem se manifestar a respeito das angústias e dúvidas do diarista escrevendo e-mails, mandando cartas ou fazendo comentários (2004, p.77).

O que a autora diz é que o antigo “baú” fechado a sete chaves agora está totalmente aberto e a disposição do mais variado público, no entanto a escrita não deixa de ser íntima, o que nos faz questionar a própria noção de intimidade e segredo, já que segundo ela o clássico conceito de segredo se desfaz, assim como as antigas barreiras entre o público e privado acabam por diluírem-se, como explica Sibília (2008) em sua obra, ao afirmar que o público adquira status em detrimento do privado.

De acordo com Schittine (2004) o termo blog foi criado pelos próprios usuários do gênero, possuindo para autora uma contradição em si mesmo, já que o termo seria a junção entre web que significa página na internet e log que é o mesmo que diário de bordo, por isso a tradução do termo para o português seria “diário íntimo na internet”, compreendendo que,

“a noção de íntimo aparece porque muitos *blogueiros* vão tratar nesse espaço de questões pessoais que pertencem ao terreno da intimidade” (p.77).

A origem dos primeiros blogs remonta da década de 1990, existindo quatro diferentes hipóteses: A primeira diz que o surgimento veio por meio de Tim Berners Lee em 1991 com a criação do primeiro *weblog* no formato de um site, a segunda defende que Dave Winer considerado o pai dos blogs teria lançado o seu em 1996 como parte de um site “24 hours of Democracy”, a outra afirma que Jorn Barger em 1997 tratou como blog uma página em que reunia as notícias em circulação que julgava mais importantes, e a quarta possibilidade defende que foi uma criação da empresa “*PyraLabs*” em 1999, que aperfeiçoou a interface tornando os blogs mais populares e próximos dos internautas. Mas, o que se pode afirmar com certeza é que os blogs surgiram como um “sistema de disponibilização de textos e fotos na web menos complexo e mais rápido, o que facilitou a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento técnico” (SCHITINE, 2004, p.13), e por sua vez contribuiu para sua rápida expansão, existindo hoje uma infinidade.

Com o passar do tempo eles foram se espalhando e sendo usados em diferentes versões: divulgadores de eventos, publicitários, jornalísticos, informativos especializados e espaço responsável por registrar a vida dos indivíduos, tornando-se ciberdiários, que se diferenciam dos diários convencionais, com caráter particular, devido a sua característica divulgação dos fatos cotidianos e pessoais para todas as pessoas que estão conectadas a rede, sem necessariamente o autor precisar expor sua imagem e nem mesmo sua verdadeira intimidade.

Dessa forma a escrita de si e a supervalorização da intimidade passaram a ser habituais, estando cada vez mais presentes e valorizados na rotina social, de acordo com Sibilia (p. 05, 2003), “os sujeitos modernos passaram a modelar a própria subjetividade através de um mergulho introspectivo da hermenêutica incessante de si mesmo, onde se faz necessário narrar uma história e criar um eu”. Em nossa análise nos detemos num blog de escrita íntima, com um caráter diferente da maioria dos blogs desse gênero, por ser produzido não por uma única pessoa, mas por diferentes mulheres que tem algo em comum e resolvem contar suas histórias em rede, mulheres estas que não necessariamente se conhecem.

5. Fui Estuprada: Compartilhando Experiências Na Rede

O blog *Fui estuprada*, criado em 2013 narra a história de diferentes mulheres que passaram pelo mesmo trauma e que apesar de não se conhecerem partilham suas histórias e sentimentos entre si e para todos que acessam o endereço eletrônico. A administradora do blog, que não tem a identidade revelada assim como as demais leitoras/escritoras, foi a primeira a narrar seu trauma, de como foi violentada por um amigo de faculdade e como demorou em perceber que havia sido vítima de estupro, segundo a mesma, a criação do *ciberdiário* foi justamente para ajudar as leitoras a perceberem se também já foram vítimas de abuso sexual e tentar ajudá-las a compreender o que aconteceu com elas e que não possuem culpa alguma, diferente do que muitos acabam pregando, ao reforçarem discursos extremamente machistas que até hoje estão enraizados na sociedade brasileira. Como por exemplo, dizer que se você usa roupa muito curta está pedindo para que aconteça, ou se um amigo faz isso é porque você deu liberdade demais, ou ainda, que se você é casada não se configura estupro porque a mulher tem que permitir, entre vários outros exemplos que por mais que possam parecer absurdos são comumente reproduzidos e propagados na nossa sociedade.

No entanto, por mais que a criadora do blog e as diversas mulheres que partilham suas vidas nesse ambiente tentem combater o machismo com seus relatos, torna-se perceptível por meio de suas falas que a própria produção de seus sentimentos e emoções acerca do assunto estão carregados por discursos que advém da divisão binária de gênero e que reforçam o “ser mulher” de acordo com o pensamento patriarcal. Dessa forma, é que se faz necessário compreendermos o que está por traz das emoções dos indivíduos, ou melhor, como tais emoções se produzem e se configuram neste dado momento. Para tanto se faz importante perceber o que campo da Antropologia e Sociologia das Emoções, responsável por investigar os fatores sociais que influenciam a esfera emocional, explicam sobre o assunto. O sociólogo Koury (2009, p.09) vai dizer que, “a sociologia das emoções partiria do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos, a cultura e sociedade”. Da mesma forma, a área da Antropologia das emoções acredita que, “os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem” (REZENDE; COELHO. 2010, p.11). As autoras Rezende e Coelho ainda explicam que,

Fazer uma “antropologia das emoções” é colocar em xeque essas convicções, tratando-as como “representações” em uma dada sociedade; construir as emoções como um objeto das ciências sociais é inseri-las no rol daquelas dimensões da experiência humana as quais, apesar de

concebidas pelo senso comum como “naturais” e “individuais” – a exemplo da sexualidade, do corpo, da saúde e da doença etc. –, estão muito longe de serem refratárias à ação da sociedade e da cultura (Ibid.p.12).

Partindo dessa perspectiva, pode-se afirmar que as emoções dessas mulheres vítimas de abuso sexual, ainda que de forma inconsciente, muitas vezes refletem o próprio sistema patriarcal e opressor, o qual é propício para que esse tipo de violência ocorra e que muitas das vítimas sintam-se culpas e envergonhadas, como vamos perceber nos relatos do blog.

Imagem 01

CONTAR PARA A FAMÍLIA

Contei para minha mãe e para o meu irmão. O mano só dizia que ele era um filho da puta, ficou enfurecido. A mãe disse: "o que tu fez para que ele fizesse isso?" e "vocês dois foram baixos". Isso me doeu tanto quanto o que ele fez comigo. No dia do meu aniversário decidi denunciá-lo. Como era início de ano, a Delegacia da Mulher estava em recesso e tive que ir na Polícia Civil. Lá, sem nenhuma atendente mulher, fui falar com um policial. Disse que queria fazer um B.O.. Contei para ele o que houve, ele disse que isso se enquadra na Lei Maria da Penha e que ele iria pra prisão. Ele me disse: tu teria que me contar o que contou aqui na frente do juiz e dele. Você faria isso? Eu, que já chorava, fiquei com muita vergonha. Imaginei toda a cidade sabendo, os conhecidos, a proporção disso. A culpa caía sobre mim. Eu pensei no filho dele. Fui embora arrasada e sem B.O.. Hoje percebo que fui totalmente desestimulada pelo policial. Se fosse uma policial com capacitação, eu teria sido tratada de outra forma e provavelmente teria feito o boletim.

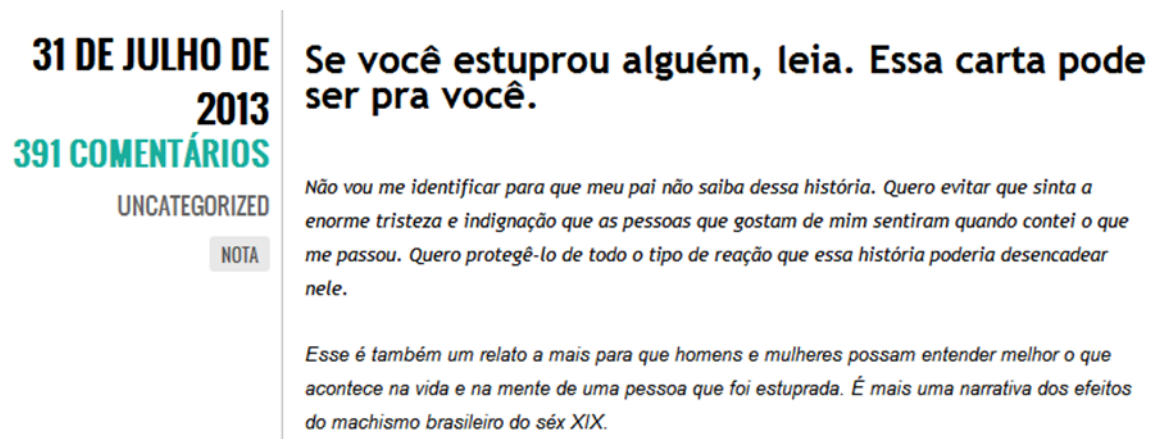
(Leitora 01- 03 de agosto de 2013. Retirado de <https://fuiestuprada.wordpress.com/2013/07/31/se-voce-estuprou-alguem-leia-esse-post-pode-ser-para-voce/>)

No relato acima, a autora 01 como é identificada expressa três tipos de sentimentos bastante importantes para fazermos um link entre a questão do gênero, do patriarcado e do machismo com o que a antropologia e a sociologia das emoções afirma. Os sentimentos são: vergonha, culpa e tristeza, que embora ela não diga esta última palavra de forma explícita, deixa a entender quando diz que estava chorando e quando explica que as palavras de sua mãe doeram. A questão é, porque alguém que foi vítima de violência; seja ela sexual ou não; deveria sentir culpa, por exemplo? Será que tanto homens quanto mulheres sentem culpa quando são assaltados, sequestrados? Ou se um homem de forma gratuita bater em outro homem, este último sentiria culpa? A resposta para ambas às

perguntas possivelmente é não, porque normalmente nessas situações, as pessoas sabem de forma consciente e inconsciente que são apenas vítimas, então porque mulheres que sofrem abuso sexual chegam a sentir culpa, porque a vergonha em ser vítima, se quem está errado é o autor do crime? A resposta estaria na forma como a mulher ainda é colocada e vista pela sociedade, só podendo ser santa ou puta, por mais que todos saibam que este pensamento está ultrapassado, o machismo ainda é muito forte, fazendo com que a mulher seja sempre o sexo frágil, e quando não aceita este título passa a carregar um estigma de puta ou coisa do tipo.

O impacto da ideologia do patriarcado tem sido bastante poderosa no sentido da construção de gênero e por sua vez na produção das emoções e sentimentos dos sujeitos que segundo a perspectiva da antropologia das emoções estão estritamente ligadas à estrutura social, e nesse caso específico, principalmente as interpretações de masculinidade e feminilidade e em como os relacionamentos devem existir entre homens e mulheres na sociedade contemporânea, fator este de suma importância para se perceber como a violência sexual é gerada e de certa forma aceita, já que a vítima muitas vezes é colocada no papel de culpada, como observamos na texto da imagem 01 quando a mãe da vítima pergunta o que ela teria feito para sofrer o abuso. E o que também se faz presente no relato a seguir, no qual a vítima pensa na vergonha que seu pai poderia sentir.

Imagem 02



31 DE JULHO DE 2013
391 COMENTÁRIOS
UNCATEGORIZED
NOTA

Se você estuprou alguém, leia. Essa carta pode ser pra você.

Não vou me identificar para que meu pai não saiba dessa história. Quero evitar que sinta a enorme tristeza e indignação que as pessoas que gostam de mim sentiram quando contei o que me passou. Quero protegê-lo de todo o tipo de reação que essa história poderia desencadear nele.

Esse é também um relato a mais para que homens e mulheres possam entender melhor o que acontece na vida e na mente de uma pessoa que foi estuprada. É mais uma narrativa dos efeitos do machismo brasileiro do séx XIX.

(Leitora 01- 03 de agosto de 2013. Retirado de <https://fuiestuprada.wordpress.com>)

Imagem 03

ESTUPRO É UMA PALAVRA DIFÍCIL DE PRONUNCIAR

Nos meses seguintes oscilei entre acreditar que houve estupro e que não houve estupro. E as vezes preferia acreditar que a culpa era minha por tê-lo deixado entrar, crer que eu poderia ter passado uma mensagem dúbia pra ele, ou simplesmente busquei. Não sei. Era mais fácil para mim pensar que eu era a responsável. Além disso, o mundo em volta me dizia que eu tinha culpa. O lado mais frágil, a mulher estuprada, ainda que feminista e formada na área de ciências humanas, acredita ou opta por acreditar que foi responsável, eu. Era mais fácil pensar que havia tido uma experiência sexual diferente e violenta do que me classificar como vítima, enfrentar as consequências de uma denúncia e carregar estigmas.

Me surpreendi quando um menino com quem saía – por quem estive perdidamente apaixonada por meses – , e conhecia ao estuprador, me disse, em tom de decepção: “eu sei que você deu pra ele!” (O estuprador tinha espalhado pra todos que tinha “me comido”!) Minha resposta foi: “não, ele praticamente me estuprou”. *Praticamente.* “Praticamente me estuprou” foi o mais próximo que consegui chegar. Foi a única nomeação possível que não me fazia entrar completamente dentro da categoria de *mulher estuprada*.

(Criadora do blog, 31 de julho de 2013. Retirado
de <https://fuiestuprada.wordpress.com/?s=leitora+01>)

No relato acima também é possível perceber o sentimento de culpa bastante presente, além da atitude extremamente machista do atual namorado, ao dizer que sabia que ela tinha “dado pra outro”, como se apenas o homem pudesse transar com vários parceiros. E o mais importante é quando ela fala que o mais próximo que conseguiu chegar para explicar que tinha sido vítima de abuso sexual, foi dizer que “praticamente foi estuprada”, o que nos faz perceber que a própria aceitação do fato em si é algo difícil para muitas mulheres, talvez porque saibam que podem ser julgadas e adquirir para si uma culpa que não existe. O que nos leva também a perceber a importância do ciberespaço, e de forma mais específica do blog, para que essas mulheres não apenas narrem suas histórias e expressem seus sentimentos, mas acima de tudo percebam como e sério e comum o abuso sexual, e o quanto a mulher sofre, na medida em que para além de um abuso físico, estas passam de forma bem mais longa e duradoura por abusos sociais. Assim sendo, a escrita confessional no blog Fui estuprada, não só denuncia a violência sexual pela qual suas narradoras passaram, mas permite que estas desenvolvam uma auto-reflexividade sobre o fato, bem como se percebam enquanto sujeitos que muitas vezes sem perceberem também acabam por reproduzirem discursos machistas.

Considerações Finais

O presente trabalho pretendeu de forma breve fazer uma análise em como as mulheres vítimas de violência sexual estão expondo seus traumas e emoções no ciberespaço, por meio de blogs do gênero confessional. Dessa forma percebeu-se como o discurso dessas vítimas, ainda que de forma inconsciente se encontra fortemente marcado pela divisão binária de gênero e as visões patriarcais e machistas que ainda perduram em nossa sociedade, a ponto de muitas atribuírem para ser sentimentos negativos, como o de culpa, o que as leva a terem medo e vergonha de denunciar o fato. O que também fica marcado na própria forma como estas expõem suas histórias, já que não exibem suas identidades verdadeiras, o que acontece com a própria criadora do blog, que no início de seu primeiro texto explica que não revelará quem é para que seu pai não fique constrangido. É importante esclarecer que por se tratar de um artigo, o tema não pode ser trabalhando de forma mais ampla e precisa, mas apenas por meio de um recorte.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009.
- BUTLER, Judith, **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 13. Ed.
- FRANK, A. **Diário de uma jovem**. 2. ed. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Mérito, 1958.
- LEMONS, André. **A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet**. XI COMPÓS. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação sociológica**. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- OLIVEIRA, Pâmella Rochelle R. D. Oliveira; NOGUEIRA, Maria Adriana; OLIVEIRA, Geilson Fernandes. **O eu no contemporâneo: O privado e o público transformados em espaço comum através dos diários íntimos**. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife- PE, 2012.

OLIVEIRA; Pâmella R. R. D; GONDIM, Paloma P.P. BARRETO, Maria Cristina. **Fui Estuprada**: mulheres, emoções e violência sexual compartilhadas na rede. Trabalho apresentado no GT 04 – ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES, no II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, com a temática Sujeitos, Saberes e Práticas Sociais: abordagens interdisciplinares, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, 2014.

PARKER, Richard G., **Corpos, prazeres e paixões** – a cultura sexual no Brasil contemporâneo, Trad. Maria Therezinha M. Cavallari, Editora Best Seller, São Paulo, 1991.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom].

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só**: a crise do masculino, Rio de Janeiro, Record, 1998.